

Sábado 7 de Dezembro 1912

Meus queridos Pais

Paris continua gentilmente mostrando-se sorridente. Dias de um lindo sol, certamente um sol enfraquecido, de uma beleza toda romântica, mas que contudo brilha num céu azul. Há horas do dia em que esta luz produz efeitos encantadores. Não julgava encontrar em Paris dias tão lindos nesta época. É verdade que eles são muito curtos, às 8 horas é ainda quasi noite e às 4 tem que se acender a luz, mas a sua beleza tem-me surpreendido porque julgava ver o céu sempre envolvido em nuvens e o sol raramente se adivinhar entre essas nuvens. Não obstante toda esta beleza de Paris, o meu espírito sente-se indiferente, estranho a tudo e a todos, sem achar um gosto nem sabor na vida. Em Lisboa o meu quarto mesmo me confortava, aqui até ele me é indiferente. Não tenho já uma saudade intensa, mas sinto um aborrecimento horrível por tudo que me rodeia e constantemente penso: para que serve isto, para que serve aquilo, para que serve viver? Daqui a uns dias isto passará e verei tudo pelo lado optimista. São crises que passam, felizmente.

Mudando de assunto: Há dias visitei o Luxembourg e senti um verdadeiro prazer a encontrar estátuas e quadros já tão meus conhecidos. É um museu onde se está um pouco em família. Alguns quadros como um de Charles Cottet e outros de Henri Martin que em fotografia me não agradavam, achei-lhes uma beleza particular que me surpreendeu. Em escultura tive o prazer de ver uma bela colecção de bustos do Rodin e algumas das suas melhores obras, e outros trabalhos de autores modernos em que há um grande sentimento, uma grande expressão. Também visitei o Panthéon e já de longe avistei o *Penseur* de Rodin que eu julgava achar horrivelmente forte e que me não deu essa impressão vendo a uma certa distância; entrei e minuciosamente fui olhando. Todos aqueles belos quadros históricos que ornavam as paredes eu já os

conhecia quasi todos, mas os originais têm uma vida palpitante que não têm as fotografias e aqui também fui surpreendido nos quadros de Puvis de Chavannes uma beleza que eu desconhecia e me fazia não o amar muito. Os quadros dele têm uma luz, um colorido extremamente belo e muito especial, muito particular, que tem qualquer coisa de superior, de não humano, os seus personagens dispõem-se, arranjam-se, de um modo muito calmo, muito simples quasi estilizado, que tem um sabor talvez divino ou melhor primitivo de uma vida contemporânea a Adão e a Eva; é interessante e tem uma forma muito especial de sentir que não se assemelha aos outros e que é bela. Desci aos túmulos mas são medonhos e a cantilena do guarda maçadora e ridícula.

Saí para ver por fora a importante arquitectura do Panthéon, dei uma volta descobrindo uma pequena igreja parecendo antiga pela mistura de estilos, é Saint Etienne du Mont. Dentro há uma combinação curiosa do gótico com a renascença, há belos vitrais e um túmulo de Santa Genoveva em metal amarelo, um ouro admiravelmente trabalhado. Mando 4 postais. Eu gosto e aprecio muito estas belas obras de arte mas sinto muito a falta de não ter a meu lado uma pessoa amiga a quem pudesse transmitir as impressões que elas me produzem. É triste estar só, não ter ninguém a quem se possa abrir o coração, nem sequer nas coisas as mais superficiais. O Rebello tem sido muito bom para comigo, mas os nossos espíritos não se compreendem profundamente. Eu precisava em Paris era do Norberto, com o tempo hei-de encontrar alguém parecido.

Estive num five o'clock tea na terça-feira em casa de um amigo do Rebello, Smith, que pinta, e a senhora é escultora, eles têm trabalhos interessantes mas nada de extraordinário. Estavam 3 raparigas vivas, animadas, um pouco pintadas, e artistas, um escultor, um pintor e o Rebello. Neste meio por todos os lados são artistas, não o ser é uma extraordinária excepção. O pintor é um rapaz inteligente, falou sobre pintura e ideias gerais, tem uma conversa interessante e de quem observa bem a vida. Às 7 horas todos saíram do atelier, indo apressados cada um à sua vida, eu jantei e burguesmente deitei-me às 9, coisa que muito vulgarmente faço porque me levanto às

7 e aqui custa-me muito levantar da cama. Parece-me que nunca gostei tanto da cama como em Paris.

Ainda estou na Rua Madame 28. Talvez só saia em Janeiro ou mesmo fique, mas é melhor mandarem a correspondência ao cuidado do Rebello. Estou inquieto por notícias, só terei amanhã ou depois, hoje escrevi esta carta porque pode ser que encontre algum vapor francês. Mandem-me a lista dos dias em que parte de Lisboa. Uma boa notícia, pesei-me, tendo 62 kilos, quer dizer que a mudança não me fez emagrecer, não têm razão para se inquietarem. Amanhã é domingo, irei ao Louvre. Muitas saudades à Rita e a Almeida e que eu estou muito bem. Beijos na Beatriz. Um raparigas companheiras do atelier viram o retrato dela e disseram que era uma cabeça muito interessante e inteligente.

Um abraço no Mário e creiam neste seu filho muito amigo.

Ernesto do Canto